

IMAGINÁRIO E CONSCIÊNCIA EM “DEVANEIO E EMBRIAGUEZ DUMA RAPARIGA”, DE CLARICE LISPECTOR: UMA PROPOSTA DE LEITURA E ENSINO

Maria Fernandes de Andrade PRAXEDES¹
Universidade Estadual da Paraíba

Algumas palavras iniciais

A abordagem em torno da condição da mulher assume, hoje, um destaque na literatura universal. Enquanto lugar de representação social e cultural tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores que pretendem examinar as representações femininas na produção literárias de todos os tempos.

No Brasil, a condição da mulher na literatura começou a ser examinada no final dos anos sessenta, período em que o tema feminino se impôs em todas as áreas do conhecimento, procurando situar os principais autores frente à questão feminina.

É preciso considerar, contudo, que do ponto de vista das representações femininas, a obra de Clarice Lispector é, talvez, a que mais surpreenda pelo modo com ela constrói suas personagens femininas, inquietas e insatisfeitas com sua condição de mulher imposta pela sociedade patriarcal. Com isso, parte-se do princípio de que a existência nos textos de Clarice Lispector converge para o plano mais amplo da identidade do ser humano, já que a linha que orienta a análise e a reflexão de seus textos é a questão da identidade.

Esse trabalho visa refletir sobre uma nova forma de consciência que se materializa no comportamento da personagem do conto “Devaneio embriaguez duma rapariga”, de Clarice Lispector, considerando que a jovem esposa portuguesa sai do seu mundo exterior para um mundo interior cheio de novas possibilidades.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: o primeiro tópico “Clarice, a esfinge brasileira” traz um pouco da condição da mulher frente à literatura e a alguns dados sobre as peculiaridades da vida de Clarice Lispector. O segundo tópico “Devaneio e embriaguez: a consciência do autoconhecimento” reflete sobre a representação feminina e a tentativa de compreender o papel do indivíduo no mundo. No caso específico da personagem, a consciência do autoconhecimento acaba ocasionando-lhe uma espécie de fuga quando a

¹ Licenciada em Letras, pelas Faculdades Integradas de Patos, mestre em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande, professora substituta de teoria e crítica literária, Literatura de Língua Portuguesa Contemporânea e Literatura Brasileira Contemporânea, da Universidade Estadual da Paraíba, coordenadora do Projeto de Leitura e escrita *CIRALENDO*, da rede municipal de ensino de Catolé do Rocha-PB.

realidade não lhe convém. Essa fuga se dá quando a personagem sai de seu exílio doméstico, uma realidade externa e sai em busca de uma realidade que só o devaneio e embriaguez pode lhe possibilitar. O terceiro e último tópico “Com Clarice na sala de aula” apresenta uma proposta de leitura com o conto em estudo, haja vista a constatação de que ainda é uma autora pouco estudada no nível médio, uma vez que os alunos consideram-na difícil e complexa.

1. Clarice, a esfinge abasileirada

A posição da mulher na literatura, seja como agente de representação, seja como autora ou como leitora, começou a ser observada atentamente na década de 60, período em que o tema feminino se tornou indispensável em todas as áreas do conhecimento.

Surge, então, Clarice Lispector, uma escritora frente às questões femininas, traduzindo, de um jeito peculiar, o comportamento do pensamento de uma sociedade patriarcal, no qual a mulher estava inserida. Para isto, aborda em sua obra um contexto histórico marcado pela representação da identidade da mulher, que converge para o plano mais amplo da identidade do ser humano.

Nesse sentido, pode se perguntar se o meio social influencia a obra de arte. Sobre esse questionamento, (CANDIDO, 2010, p. 28) acrescenta que esta pergunta pode ser imediatamente completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? Para o crítico: “Algumas das tendências mais vivas da estética moderna estão empenhadas em estudar como a obra de arte plasma o meio, cria seu público e suas vias de penetração, agindo em sentido inverso ao das influências externas” (idem). Assim, para o crítico literário, os fatores sociais atuam concretamente nas artes, em especial na literatura.

Desse modo, falar de Clarice Lispector é pensar um pouco sobre sua história e a história da sociedade brasileira, sobretudo a posição que a mulher assume nessa sociedade, ou seja, é fazer um percurso entre os discursos literários e as questões sociais que podem estar incutidas nessa arte.

A vida de Clarice Lispector, esta ucraniana de nascimento e brasileira por natureza, é marcada por inúmeras histórias contraditórias, intrigantes e, por vezes, aterrorizantes. “Clarice Lispector” já chegou a ser considerado um pseudônimo, e seu nome original só foi conhecido depois de sua morte. Onde exatamente ela nasceu e quantos anos tinham também eram pontos pouco claros. Sua nacionalidade era questionada, e a identidade de sua língua nativa era

obscura. Para alguns, ela era de direita, para outros, era comunista. Há quem diga que era católica, embora na verdade fosse judia.

De acordo com (MOSER, 2009, p. 14) “o que torna tão peculiar essa teia de contradições é que Clarice Lispector não é uma figura nebulosa, conhecida a partir de fragmentos de antigos papiros”. Assim, é preciso considerar que a autora de *Perto do coração selvagem* parecia não se preocupar com tais definições ou explicações. Certa vez ela disse: “meu mistério é não ter mistério”. Como podemos perceber, Clarice podia ser conservadora e acessível com a mesma frequência com que era silenciosa e incompreensível. Para desconcerto geral, insistia que era dona de casa, mãe e esposa, e aqueles que esperavam encontrar uma esfinge muitas vezes encontravam uma mãe judia cuidando dos filhos. Dizia, também, que não era literata, já que não tinha a literatura como ofício, escrevia quando lhe dava vontade, não considerava a arte de escrever uma profissão. Afirmou, em algum outro lugar, que não era intelectual, gostava apenas de escrever.

Para (MOSER, 2009, p. 15), Clarice queria ser respeitada como ser humano. Ficou mortificada quando Maria Bethânia se jogou aos seus pés, exclamando: “Minha deusa!”² “Ah”, exclamou uma das protagonistas de Clarice, “era mais fácil ser um santo que uma pessoa!”³ Perto do final de sua vida, Clarice foi indagada sobre uma crítica impiedosa que saíra no jornal. “Fiquei meio aborrecida, mas depois passou. Se eu me encontrasse com ele a única coisa que eu diria é: Olhe, quando você escrever sobre mim, Clarice, não é com dois esses, é com c, viu?”⁴ Assim era Clarice Lispector, direta e objetiva.

Introspectiva, misteriosa ou incompreensível é, hoje, reconhecidamente, um expoente entre a geração de escritoras do século XX. Sua obra expressa uma visão profundamente pessoal e existencialista da condição humana, o que confere à autora uma predisposição pelos sentimentos e reações dos sujeitos às situações de conflitos, dúvidas e insatisfação diante da realidade em que vivem.

A vida de Clarice foi marcada por perdas, enfrentamentos e culpas. Talvez isso explique seu lado silencioso e triste de ser. Contestando a sua incapacidade de salvar a mãe, vítima de uma doença venérea contraída durante um estupro na guerra civil, disse certa vez:

Fui gerada para ser dada à luz de um modo tão bonito. Minha mãe já estava doente, e, por uma superstição bastante espalha, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher de uma doença. Então fui deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa

² Teresa Cristina Monteiro Ferreira. **Eu sou uma pergunta**: uma biografia de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 258.

³ Clarice Lispector. “Amo”. In: **Laços de família**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

⁴ Sérgio Fonta. “O papo: Clarice Lispector”, *Jornal de Letras*, n. 259, 1972.

carga de culpa: fizeram-me para uma missão determinada e eu falhei. Como se contasse comigo nas trincheiras de uma guerra e tivesse desertado. Sei que meus pais me perdoaram eu ter nascido em vão e tê-los traídos na grande esperança. Mas eu não me perdo. Queria que simplesmente se tivesse feito um milagre: eu nascer e curar minha mãe. (MOSER, 2009, p. 50)

Para Benjamin Moser, o estupro da mãe foi a gênese da literatura. “Ela foi gerada para salvar a mãe, que contraiu sífilis nesse estupro, mas não a conseguiu salvar”. O trauma talvez explique sua insistência em se afirmar brasileira. “A minha terra não me marcou em nada, a não ser pela herança sanguínea. Eu nunca pisei na Rússia”, disse Clarice. “Em público, ela se referiu a suas origens familiares não mais do que um punhado de vezes. Quando o fez, foi de maneira falsa ou vaga”, lembra Moser.

2. Devaneio e embriaguez: a consciência do autoconhecimento

A representação do feminino em Clarice Lispector é uma forma de inscrever a transgressão necessária ao modelo dominante e patriarcal, suas personagens femininas encenam uma insatisfação com tais modelos. Durante muito tempo, a sociedade impunha uma condição de subserviência à mulher, esta deveria respeitar o marido, cuidar dos filhos, resguarda-se, não se insinuar, ser amável, dócil, discreta, servil e satisfeita com sua condição.

Hoje a mulher tem uma maior autonomia, liberdade de expressão, emancipou seu corpo, ideias e posicionamentos, antes sufocados, veem à tona, rompendo com os valores pré-estabelecidos de outrora. Pode-se dizer que a mulher do século XXI deixou de ser coadjuvante para assumir um lugar diferente na sociedade.

O conto “Devaneio e embriaguez duma rapariga” parece cumprir seu papel de fazer refletir sobre o sentido de estar no mundo. Sendo assim, a figuração do feminino pode despertar a consciência crítica no sujeito leitor a respeito dos papéis reservados aos homens e às mulheres. Em tempos passados, a mulher exercia um papel que era determinado pela sociedade, ou seja, sua posição era restrita ao lar e à família.

Percebe-se que a rapariga tem seus desejos escondidos, sentimentos proibidos, uma vontade de ser ela mesma, desnuda de toda e qualquer expectativa alheia. Esse desejo de libertação, ou a falta dela, gera o conflito interno no momento em que a personagem se depara com as possibilidades de novas realidades. Na tentativa de despertar aquilo que está sufocado e aprisionado, a personagem passa a se questionar sobre sua própria condição de mulher, angustiada e incapaz de dominar a si mesma “quando olhava o quadro tão bem pintado do

restaurante fica logo com sensibilidade artística. Ninguém lhe tiraria cá das idéias que nascera mesmo para outras coisas” (CLARICE, 2004, p. 23).

Essa sensibilidade seria a causadora da inquietude da rapariga? Percebe-se o esforço da personagem para racionalizar a sua existência. Assim ela sucumbe sua condição de mulher, embora as verdades manifestadas pela embriaguez sejam sinuosas e sugestivas. O estado de embriaguez da jovem esposa aflora-lhe a sensibilidade (epifania) e a faz perceber que é capaz de desenvolver outras atividades, além das domésticas. Nascera também para a arte e para as coisas mais subjetivas e não realizá-las a deixa angustiada e insatisfeita.

Refletindo a esse respeito, (NUNES, 1976, p. 95) afirma:

A angústia nos desnuda, reduzindo-nos àquilo que somos: consciências indigentes, com a maldição e o privilégio que a liberdade nos dá. No extremo de nossas possibilidades, ao qual esse sentimento nos transporta, ela intensifica a grandeza e a miséria do homem. Da liberdade que engrandece, e que nos torna responsáveis de um modo absoluto, deriva a razão de nossa miséria, vivemos, afinal, num mundo puramente humano, onde a consciência é a única realidade transcendente.

De acordo com essas reflexões pode-se inferir que a tomada de consciência da própria existência motiva o conflito, o que perturba. E é nesse clima de melancolia e imobilização que a portuguesa vive o exílio de si mesma, em confinamento doméstico que se contrapõe com a vida fora do lar.

O cotidiano da jovem esposa e mãe passa por um processo de transgressão, ela se descobre pela quimera, facetas geradas a partir de suas fantasias, sonhos e de seus devaneios diurnos. No sossego do seu lar, longe dos filhos e do esposo, ela abandona o externo e passa para o mundo interno, deixando de lado suas atividades domésticas ela se acha no direito de ficar na cama a pensar e a fantasiar. Isso pode ser comprovado no seguinte trecho, em que o narrador nos coloca diante do estado de tédio e devaneio da personagem:

Aí que quarto suculento! Ela se abanava no Brasil. O sol preso as persianas tremia na parede como uma guitarra. A Rua do Riachuelo sacudia-se ao peso arquejante dos elétricos que vinham da Rua Mem de Sá. Ela ouvia curiosa e entediada o estremecimento do guarda-louça na sala de visitas. D’impaciência, virou-se-lhe o corpo de braços, e enquanto estava a esticar com amor os dedos dos pés pequeninos, aguardava seu próximo pensamento com os olhos abertos. “Quem encontrou, buscou”, disse-se em forma de rifão rimado, o que sempre terminava por parecer com alguma verdade. Até que adormeceu com a boca aberta, a baba a umedecer o travesseiro. Só acordou com o marido a voltar do trabalho e entrar pelo quarto adentro. Não quis jantar nem sair de seus cuidados, dormiu de novo: o homem lá que se regalasse com as sobras do almoço (CLARICE, 1994, p. 18-19).

Esse devaneio é fruto de uma nova forma de consciência, através da qual uma nova realidade é possibilitada. Trata-se de uma consciência enquanto modo de se colocar frente ao objeto de conhecimento. Ao imaginar-se em outra realidade, aponto de ignorar a chegada do esposo em casa, a rapariga busca sair de sua prisão doméstica, do marasmo do dia a dia, e mergulha no universo imaginário. De acordo com (BACHELARD, 2009, p. 5) “o devaneio é uma fuga para fora do real, nem sempre encontrando um mundo irreal consistente”. Para o filósofo, “a imaginação tenta um futuro. A princípio ela é um fator de imprudência que nos afasta das pesadas estabilidades” (idem, p. 8). É o que ocorre com a personagem clariceana, ao realizar essa fuga, ela se percebe fora da realidade, Nesse sentido, o irreal não parece plausível.

Pode-se inferir que o conto “Devaneio e embriaguez duma rapariga” apresenta situações limítrofes que se resolvem de forma simétrica e acumulativa. A primeira situação limite é o devaneio, deflagrado pela contemplação da própria imagem no espelho, uma necessidade de autoconhecimento. Para (LACAN, 1971, p. 89-97) “olhar-se ao espelho sempre foi imagem de reconhecer-se. Mais especificamente, olhar-se ao espelho é encontrar ou reencontrar *o corpo próprio*, seja como o *duplo* em que o indivíduo projeta e concentra as imagens que faz de si próprio”. Assim, na perspectiva lacaniana, a imagem do espelho representa a manifestação do próprio ser. E é nessa direção lacaniana e fenomenológica que caminha a autodescoberta da rapariga.

A contemplação da imagem no espelho não de dá de forma narcisista, mas como lugar de encontro com o mundo, ou seja, a jovem senhora imagina-se em situações limites fora de seu contexto doméstico.

Estava a se pentear vagorosamente diante da penteadeira de três espelhos, os braços brancos e fortes arrepiavam-se à frescurazita da tarde. Os olhos não se abandonavam, os espelhos vibravam ora escuros, ora luminosos. (...) Os olhos não se despregavam da imagem, o pente trabalhava meditativo, o roupão aberto deixava aparecerem nos espelhos os seios entrecortados de várias raparigas (CLARICE, 1994, p. 17).

Nesse sentido, entende-se que para o corpo o imaginário tem a consciência da coisa. Ela imagina, logo deseja. Para (BARRETT, 1991, p. 102) “estágio do imaginário inclui imagens e fantasias, conscientes ou inconscientes; é registro-chave do ‘eu’ e suas identificações, desenvolvendo-se do Estágio do espelho até os relacionamentos adultos”. Ao imaginar-se fora de sua realidade e transporta-se para outro mundo, a rapariga manifesta seus desejos reprimidos. O imaginário é decorrente da consciência de autoconhecimento, embora

essa consciência seja afugentada quando a rapariga volta à sua condição de esposa, mãe e dona de casa.

Após uma noite de sono e pensamentos libidinosos, a rapariga acorda e passa a repelir o marido. Pode-se entender essa rejeição de dois modos: Primeiro, rejeita o marido enquanto objeto de relação social para as funções da mulher: não lhe prepara a comida nem lhe verifica a roupa “o marido apareceu-lhe já trajado e ela nem sabia o que homem fizera para seu pequeno-almoço, e nem olhou-lhe o fato, se estava ou não por escovar, pouco lhe importava se hoje era dia dele tratar dos negócios na cidade” (CLARICE, 1994, p. 19). Depois o rejeita como ser sexual: “não me venhas a rondar como galo velho!” A reação do homem é achar que ela está doente, o que ela aceita “surpreendida”, “lisonjeada” (idem). Na invenção da doença, ela encontra a justificação para continuar “curtindo” o corpo próprio e sua necessidade de fuga.

Ao fim de um dia sobre a cama, a rapariga descobre que “estava previamente a amar o homem que um dia ela ia amar... sem culpas nem danos para nenhum dos dois. Na cama a pensar, apensar, quase a rir como uma bisbilhoteira” (idem, 1994, p.20). A recusa sexual não constitui uma rejeição da sexualidade própria, mas uma forma de rechaçar o sexo-social (ou da ideologia social do sexo), para reencontrar a sexualidade “sem culpas nem danos”, numa manifestação plena do corpo reencontrado.

O psicologismo denso preconiza o drama interno da personagem feminina, imersa em situação de desconforto, tentam reverter o caos em que está submetida. Ao versar sobre o psicologismo, os conflitos internos, Clarice rompe com uma tradição romântica e idealista vigente durante muito tempo na literatura brasileira. Tal escrita, afastando-se das problemáticas nacionais e históricas, bastante em voga na primeira fase modernista, apregoa os dramas internos e o monólogo interior. Segundo (BOSI, 2003, p.424), em relação a Clarice, “o uso intensivo da metáfora insólita, a entrega ao fluxo da consciência, a ruptura com o enredo factual têm sido constantes do seu estilo de narrar.” É notável, que em quase todos os seus romances, bem como em seus contos, há a presença de características peculiares que individualiza sua estética literária.

Percebe-se que Clarice Lispector tematizar as questões mais profundas da condição humana. Refletindo sobre isso, (LÚCIA HELENA, 1997, p. 101) afirma que o texto de Clarice “promove a emergência e a inscrição do sujeito feminino na história, pela agudíssima crítica feita pela a autora do sistema de genderização da cultura”.

A protagonista, a portuguesa, é representante dos muitos imigrantes que chegavam ao Brasil, refugiados da guerra ou não. Esse cenário posto no conto, provoca a fragmentação do sujeito e o distanciamento entre as pessoas.

O distanciamento, o isolamento aparece na cena do restaurante, local em que várias pessoas estão no mesmo ambiente, umas sentadas próximas às outras, mas “e tudo no restaurante tão distante um do outro como se jamais um pudesse falar com o outro. Cada um por si, e lá Deus por toda a gente” (CLARICE, 1994, p. 23).

Essa fragmentação do “eu” se dá de forma consciente, a embriaguez da rapariga é um jeito irônico de mostrar os diversos grupos sociais e, sobretudo, a divisão de gênero. Essa fragmentação do “eu” corresponde à individualidade e à indiferença do sujeito diante do outro, “que desprezo pelas pessoas secas do restaurante” (idem).

Pode-se inferir que a personagem é construída a partir de suas vontades, e seus desejos são iminentemente construídos por meio de um falso inconsciente que se materializa no imaginário e consciência da rapariga. Para isto, ela busca uma espécie de fuga no devaneio e embriaguez, pois só assim é capaz de pensar, dizer e fazer coisas que só o estado de alucinação e embriaguez permitiria, sem culpa e sem pudor.

Quando desloca do espaço da cidade, e se confina em sua realidade doméstica, a portuguesa desponta seus sentimentos tediosos e melancólicos “aborrecimento, aborrecimento, ai que chatura. Que maçada. Enfim ai de mim, seja lá o que Deus quiser bem quiser. Que é que se havia de fazer. Ai, é uma tal coisa que se me dá que nem bem sei dizer” (CLARICE, 1994, p. 26). Enquanto estava embriagada sentia-se no direito de transgredir os interditos, sem culpa. O comportamento da personagem no restaurante é diferente daquilo que habitualmente é dentro de casa. A embriaguez a liberta da responsabilidade de ser apenas o que é: mãe, esposa e dona de casa. Passado o estado de embriaguez, resta à rapariga apegar-se novamente aos sonhos, e imaginar uma realidade que não fosse para ela tão melancólica. Para (BACHELARD, 2009, p. 60) “que outra liberdade psicológica possuímos, afora a liberdade de sonhar? Psicologicamente falando, é no devaneio que somos seres livres”.

Contudo, a liberdade da rapariga constitui uma espécie de fuga. Uma fuga efêmera de sua realidade, já que quando volta ao exílio de seu lar, reassume sua posição e experimenta novamente a prisão, a proteção de si mesma que o cotidiano lhe oferece, ou seja, a casa acaba sendo o lugar de conforto e segurança para ela.

Em seu “cárcere”, ela prefere a náuseas da rotina “havia certas coisas boas porque eram quase nauseantes: o ruído do elevador no sangue, enquanto o homem roncava ao lado, os filhos gorditos empilhados no outro quarto a dormirem, os desgraçadinhos” (CLARICE,

1994, p.27) a liberdade de uma vida sem o marido, os filhos, as obrigações domésticas, é o que parece sentir a jovem rapariga, já que lá fora a vida só pode lhe oferecer devaneio e embriaguez, ainda que tudo isso seja uma nova forma de consciência da personagem,

3. Com Clarice na sala de aula

A leitura de textos literários instiga a necessidade do entendimento e do diálogo com o mundo, melhora as ideias e as experiências intelectuais, ou seja, incita um crescimento do “eu” de cada indivíduo. O contato com as obras literárias, sobretudo as narrativas, faz com que o leitor possa vivenciar e explicitar sentimentos, pensamentos e interesses, e se coloque em outros tempos, outros espaços, outras culturas.

Dessa forma, o prazer pela leitura deve ser iniciado na sala de aula, mas sabemos que a realidade é outra. Os alunos, na maioria das vezes, não têm interesse algum pela leitura, ao contrário, demonstram um desinteresse pelas aulas de literatura e as consideram chatas e cansativas. Esse distanciamento se dá pela falta de incentivo à leitura no ensino, desde as séries iniciais. Grande parte dos alunos, sobretudo do ensino médio, confessa seus desencantos pela literatura, a dificuldade de entender o que lê e o drama quando tem de fazer um comentário sobre determinado elemento ou aspecto de uma narrativa.

De acordo com (MELLO, 1998), a grande dificuldade na abordagem das obras literárias reside na elaboração de estratégias capazes de garantir, de fato, a aprendizagem dos saberes teóricos e metodológicos envolvidos nas atividades de leitura, que implica também a escrita.

Neste sentido, formar um leitor nos dias atuais é um processo complexo, pois ler não significa simplesmente decodificar um texto escrito ou extrair a ideia principal de um autor. Significa, principalmente, ampliar o repertório prévio do leitor para este poder interagir com múltiplos textos. “Os alunos devem saber interrogar o texto e encontrar respostas para as suas perguntas, sendo importante a explicitação, por parte de quem orienta, dos objetivos e estratégias envolvidas na leitura.” (idem).

A leitura deve suscitar inquietações no leitor, que mediado pelo professor buscará respostas às suas indagações. Assim, o professor reconhece a diferenciação das práticas discursivas e das abordagens que a leitura pode fazer dos textos e aprende que deve deixar um espaço para a leitura literária, marcada pelo lúdico, atravessada pelo desejo, fonte de prazer e fruição. No entanto, sabemos que muitos professores não agem dessa forma, uma vez que o

ensino de literatura resume-se, muitas vezes, em dados históricos e biográficos dos autores. Isso se deve ao fato de muitos educadores não serem leitores ativos de obras literárias. Sendo assim, o professor não tem as competências e habilidades de trabalhar uma narrativa.

Pensando em sanar algumas dificuldades de leitura de textos literários no ensino médio, apresentamos uma proposta de leitura com o conto “Devaneio e embriaguez duma rapariga” de Clarice Lispector. A proposta é realizar a leitura do conto em duas turmas de 1º ano do Ensino Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, da Escola Agrotécnica do Cajueiro, Campus IV UEPB – Catolé do Rocha.

O objetivo dessa proposta é tentar uma aproximação dos jovens leitores com as narrativas de Clarice Lispector, e desmistificar a ideia de que a obra clariceana é complexa e de difícil compreensão, algo inacessível. Os conteúdos conceituais de suporte que se pretende trabalhar são os elementos da narrativa (pelo menos nos determos em três: narrador, personagem e tema), subsidiados de procedimentos que favoreçam o domínio da leitura e da compreensão do texto em estudo.

Inicialmente, antes da leitura do conto, o professor deve ativar os conhecimentos prévios dos alunos, chamando atenção para alguns gêneros literários, bem como da especificidade de leitura que cada texto exige. Durante a discussão provocar nos alunos a percepção das modalidades de leitura e indagá-los sobre suas experiências de leitura, se já leram algum conto de outros autores, e o que mais chamou atenção na leitura. Questioná-los sobre possíveis dificuldades na hora de lerem uma obra literária. Esse diálogo deve ocorrer num ambiente democrático, onde os educandos possam expor suas satisfações e frustrações.

A partir da sugestão e seleção do conto a ser lido em sala de aula, o professor precisa orientar a leitura. A princípio, é importante que o próprio professor leia e discuta juntamente com os alunos, todo o conto, já que é uma narrativa breve e pode ser lida em sala de aula.

A intenção é fazer com que os alunos estabeleçam relações entre universos: real e irreal e que possam se posicionar a partir da recepção e dos efeitos do texto. Para (ISER apud LIMA, 2002, p. 107) “como o texto é ficcional, automaticamente invoca a convenção de um encontro entre autor e leitor, indicador de que o mundo textual há de ser concebido, não como realidade, mas como se fosse realidade”. Nesse sentido, o ato de fingir evolui para transgredir os limites entre fantasia e realidade.

É possível que inúmeras dúvidas e incertezas ocorram durante a leitura, já que é comum a tentativa de confirmar se a leitura feita corresponde ao que o texto apresenta. Essa preocupação faz com que o leitor tenha dificuldade para determinar o fingimento ou a mentira como elementos transgressores da realidade. Mas considerar o modo como os leitores se

posicionam e os efeitos provocados pelo texto legitimam a distinção que (JAUSS apud JOUVE, 2006, p. 127) faz entre efeito e recepção dentro do contexto leitor e texto. Para o teórico, “o feito é determinado pela obra e a recepção depende de um destinatário ativo e livre”. Nesse sentido, a os efeitos do texto sobre o leitor valida o movimento de liberdade com o texto.

Durante a leitura do conto, pode-se observar se o leitor preenche os vazios do texto – um exercício de reconhecimento entre real e imaginário, a fim de desvendar os enigmas, as suspeitas e perceber de que modo a realidade é transferida para a ficção e vice-versa. De acordo com (ZILBERMAN, 2004), “o modo como a realidade foi transferida para a ficção, permite definir a resposta do artista às necessidades e solicitações de seu público”. E assim, perceber que a realidade que cerca a história da rapariga portuguesa é encoberta pelo devaneio e embriaguez da jovem mulher, novas formas de consciências e de autoconhecimento do sujeito em situação de desconforto.

Considerações finais

Com este trabalho, espera-se contribuir, de algum modo, para o aprofundamento da compreensão da obra de Clarice Lispector e da relação que esta estabelece com o conturbado século XX e a tematização de algumas personagens femininas. Testemunha de seu tempo, Clarice, em “Devaneio e embriaguez duma rapariga”, internaliza uma sintonia com o período em que as mulheres de sua época se viram diante de tantas transformações sociais: suas conquistas, os frutos muitas vezes desastrosos dessas conquistas, assim como os conflitos entre ambiente familiar e mundo externo. Conflitos, devaneios e embriaguez como novas formas de consciência do sujeito, o autoconhecimento.

Ao propor a leitura do conto “Devaneio e embriaguez duma rapariga”, espera-se que a mesma seja útil no sentido de contribuir para despertar um novo olhar sobre o texto de Clarice Lispector, transformando-se em elo de motivação para o leitor, que dará sentido a sua leitura a partir da relação que fará do texto com seu mundo real e o mundo imaginário do texto, a fim de formar e transformar paradigmas e modelos pré-estabelecidos nas escolas de ensino médio em relação aos textos da autora e o ensino de literatura. Para isto, torna-se cada vez mais necessário criar situações em que se estimule a leitura de textos na sala de aula, pois este é um dos principais lugares onde as práticas podem ser construídas de acordo com o universo cultural e social dos sujeitos leitores em seus vários momentos de formação.

Portanto, a intenção é fazer com que o ensino de literatura não fique preso ao pragmatismo do ensino vigente nas escolas: um ensino como uma verdade única e possível, cujo valor tem se voltado às questões historicistas, deixando de contemplar sua essência maior, o texto literário, e, mais do que isso, que o texto literário seja discutido por professores e alunos na sala de aula, a fim de despertar no aluno o gosto pela leitura literária e, conseqüentemente, possamos formar leitores críticos e autônomos.

Referências

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: COSAC NAIFY, 2009.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminina: conceitos e tendências**. Maringá: EDUEM, 2007.

BARRET, Deirdre. Um estudo empírico da relação de lucidez e sonhos de vôo. **Sonhando: Jornal da Associação para o Estudo dos Sonhos**, 1991, Vol. 1, No. 2, p. 102 - 120.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: _____. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 105-118.

_____. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: _____. **Teoria da literatura em suas fontes**. V. 2. Seleção, introdução e revisão técnica de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Civilizações brasileiras, 2002, p. 955-984.

_____. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: _____. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 67-84.

_____. O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aithesis e Katharsis. In: _____. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 85-103.

JOUVE, Vicent. A leitura. Tradução de Brigitte Hervor. São Paulo: UNESP, 2002.

LACAN, Jacques. *Écrits I*. Paris: Ed. du Seuil, 1971.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

MELLO, Cristina. **O ensino da literatura e a problemática dos gêneros literários**. Coimbra: Almedina; 1998.

BARCHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

HELENA, Lúcia, **Nem musa, nem medusa**: itinerário da escrita em Clarice Lispector. Niterói: ADUFF, 1997.

NUNES, Benedito. **O mundo imaginário de Clarice Lispector**. In: O dorso do tigre. São Paulo. Perspectiva, 1976.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 2004.